

Saberes e poderes no Mundo Antigo

Estudos ibero-latino-americanos

Volume I - Dos saberes

Fábio Cerqueira, Ana Teresa Gonçalves,
Edalaura Medeiros & José Luís Brandão
(Orgs.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FEDERAL UNIVERSITY OF PELOTAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FEDERAL UNIVERSITY OF GOIÁS

HISTÓRIA ANTIGA: EXEMPLARIDADE E MEMÓRIA

José d'Encarnação
Universidade de Coimbra - Portugal

Olhares tecnocratas apenas enxergarão ocioso diletantismo na investigação sobre História Antiga. Gente sem o sentido da realidade, dizem, num tom depreciativo, do alto das suas estatísticas e dos mercados financeiros... Vêm no conflito da Líbia a luta contra um ditador, por sinal detentor de poços de petróleo, e facilmente esquecem ou desconhecem a sumptuosidade duma *Leptis Magna* ou de *Sabratha*, empórios gigantescos líbios há mais de dois mil anos atrás. Falta-lhes, aos tecnocratas do século XXI, exemplaridade e memória.

Depois de mostrar como o escritor Libânio entende o espaço, o cotidiano e sociabilidade na Antioquia do século IV, Gilvan Ventura da Silva conclui:

«Para nós, homens do século XXI, que vivemos todos os contratemplos de habitar em megalópoles nas quais o simples trânsito pelas vias públicas comporta muitas vezes um risco potencial à integridade física e psicológica, o que nos faz temer e evitar o contato com o outro, as reflexões de Libânio, ao sugerirem que a associação cívica é fruto justamente desse encontro inevitável entre as pessoas pelas ruas, praças e avenidas, nos devolve a um tempo no qual a vida na cidade inspirava decerto muito mais confiança do que medo».

Ao pretender implantar eficazes reformas na governação, houve por bem Severo Alexandre apontar o imperador Augusto como modelo – e Rodrigo Furtado não se esquece de assinalá-lo:

«Severo Alexandre mostrava-se obviamente como um tradicionalista que homenageava os *maiores* do povo romano, onde os senadores, cujos sucessores o tinham acolhido com tanta pressa e vontade, representavam a larguíssima maioria. Ao mesmo tempo, apontava para o primeiro príncipe como referente da sua acção. Severo Alexandre era assim um novo Augusto, que se assumia como herdeiro dos *summi uiri* colocados no *forum* de Trajano e dos *diui imperatores* cujas estátuas colossais e feitos eram perpetuados no *forum* de Nerva. Como se toda a história de Roma apontasse, ainda que de forma menos evidente, para este jovem imperador».

E essa misteriosa simbiose entre os poderes político, económico, militar e religioso? Sentimo-la intensamente nos nossos dias, mais ou menos evidente aqui e além, mas... *nihil novi sub sole!* Nada cujos escrínios os governantes desse Mediterrâneo antigo – um Mediterrâneo ora [2012] em ebulição... – não conhecessem sobejamente e não soubessem, como agora, manipular a seu bel-prazer e conveniência.

Prefácio

As manifestações artísticas, mesmo que em singelos artefactos cerâmicos, são – como hoje – convite a êxtase perante a Beleza, mas revelam também perspicaz olhar sobre a realidade circundante, em saboroso tom de crítica ou de louvor. «Las obras de arte tienen el poder de transmitir ideas, de comunicar mensajes, de vincularnos con el pasado. Como parte de la cosmovisión de una cultura contienen los fundamentos de su mentalidad, de sus valores sociales, de sus creencias.» – observa Cora Dukelsky.

Não admira, por conseguinte, que, na conclusão de vários dos textos desta antologia, surjam frases como esta, de Ana Teresa Marques Gonçalves:

«Comemorar o governante era também festejar a manutenção da situação vigente. Assim, podemos perceber como o espaço festivo era utilizado para divulgar a imagem positiva do soberano, prática esta que permaneceu presente até o mundo contemporâneo».

Bem andaram, por conseguinte, Ana Teresa Marques Gonçalves, Fábio Vergara Cerqueira, Edalaura Berny Medeiros, José Luís Brandão e Delfim Leão (promotores desta publicação), ao lançarem o repto a investigadores da América Latina e da Península Ibérica: urge demonstrar como – para além da Medicina Molecular e da Economia Política... – há pesquisas de interessantes resultados para a nossa vida quotidiana em primórdios do 3º milénio d. C.! E, se tal *erat demonstrandum*, aqui cabalmente o ficou.

Que investigadores da Península Ibérica estudem a História de Roma poderá não constituir admiração, porque os Romanos estiveram lá, há vestígios das suas cidades, subsistem inscrições a dar conta de nomes de pessoas e de divindades... Poderia, porém, estranhar-se que a América Latina assistisse, cada vez mais, mormente no pós-guerra, a redobrado interesse pelo que aconteceu nessas remotas eras. Não é de admirar! A identidade de cada um dos países postula o reencontro das suas raízes – e essas estão, não há dúvida, nas margens mediterrânicas. E cedo se apercebeu também que a essa «memória» a privilegiar se prendia intimamente a exemplaridade. Não é que a História se repita, não estamos a funcionar com as leis da Física: há, todavia, a convicção plena de que idênticas circunstâncias produzem resultados idênticos. E as enormes convulsões desta 2ª década do 3º milénio, a marcarem o final do paradigma do capitalismo desenfreado, têm paralelo na História Antiga de todo o Mediterrâneo. Encenações como a da ceia do «burguês» Trimalquião, imortalizado por Petrônio, armador que enriqueceu pelo tráfico mercantil, podem apresentar-se como antecedentes perfeitos das recepções contemporâneas: «Trimalquião, herdeiro de um carácter eminentemente prático e sem grandes capacidades eruditas, é um exemplo vivo de realização a nível económico, que se reflecte na projecção social e mesmo política», explicita Delfim Leão. A manipulação da narrativa em Júlio César («Los comentarios de Julio César no son ni deformación histórica ni propaganda política, sino discurso político, en los que asistimos a una

construcción simbólica y paradigmática de la realidad», escrevem Cecilia Ames y Álvaro Moreno Leoni) ou a predilecção de Suetónio pelos temas escabrosos revelam-se exemplares das revistas tablóides do séc. XXI, mesmo sem escutas telefónicas!... A adaptação feita pelo Cristianismo dos rituais romanos a dar ilusão de continuidade ou a proclamar mesmo essa continuidade têm eco nas proclamações dos actuais governos recém-chegados ao poder, mormente se por via duma revolução...

Temos, pois, ementa bem recheada e variada, distribuída em dois volumes, opiparamente servida por mais de uma trintena de investigadores, provenientes de universidades do Brasil, da Argentina, de Portugal, do México, Uruguai, Chile, Espanha. No I volume, o dos saberes, quatro são as secções: «História, memória e outros usos do passado», «Olaria e pintura», «Mito, morte e religião», «Cidade e cotidiano: urbanidade e urbanismo». No II, o dos poderes, vamos debruçar-nos sobre «Representações e imagens do poder»; os «Saberes e poderes jurídicos»; «Questão bélica e política imperialista»; «Poder e religião no Império»; «Mundo provincial e grupos étnicos». Toda a documentação da mais variada índole é, pois, chamada a intervir para traçar uma perspectiva abrangente tanto no espaço como no tempo, pois que por aqui perpassa toda a Antiguidade Clássica (Grécia e Roma) desde o Oriente ao Ocidente, desde uma Corinto arcaica ao papel desempenhado pelos Vândalos na «transição entre a Antiguidade e o feudalismo»...

Se, como disse, na Península Ibérica, o «convívio» com os Romanos e o Mundo Antigo detém o privilégio dos vestígios materiais presentes (arqueológicos, epigráficos, numismáticos...), uma das características, a meu ver, da investigação sobre História Antiga na América Latina reside no recurso às fontes literárias, cuja análise entusiasma, dado que aí, inclusive, se «experimentam» aplicações de teorias sobre a História e a Sociedade. Daí a sugestiva abundância de notas de rodapé e a significativa extensão das bibliografias, repositório excelente de quanto sobre estas temáticas se tem discreteado. Uma opção que determina, sem dúvida, inesperadas perspectivas e demonstra a perenidade dos esquemas mentais do Homem ao longo de todos os tempos. Aliás, não surpreende, por isso, a influência do quotidiano (agora, global) na visão do historiador e nas questões que a si próprio se coloca: identidade e confronto, o local *versus* o global, o pragmatismo do concreto contra a aparente inutilidade da abstracção... impõem-se como temas recorrentes, situando-se amiúde no âmbito duma «aculturação», afinal patente nos documentos ao nosso dispor. De resto, «apesar de usarmos sempre História no singular, nós, historiadores, fazemos muitas e distintas histórias», observa com justeza Fábio Favarsani. Por isso também, a fim de problematizar o contexto em que foram produzidos certos conhecimentos históricos, Renata Senna Garraffoni e Pérola de Paula Sanfelice procuraram, como estudo de caso, «destacar as narrativas desenvolvidas no contexto fascista, que permeadas por um discurso católico e

Prefácio

patriarcal, excluíram da memória social as diversidades possíveis das relações sociais, entre estas, as representações da sexualidade ou do erótico».

Exemplaridade e memória, reconhecamos:

«Lo cierto es que los mitos y el relato histórico griegos representan y proyectan en el pasado lo que en la actualidad son costumbres corrientes. Es nuestra tarea, entonces, interpretarlos.» (Ana María González de Tobia).

«La fascinación que produce la figura de Julio César no sólo se ha mantenido a lo largo de dos milenios sino que no ha perdido actualidad, de modo que está siempre presente y no dejan de aparecer año tras año publicaciones sobre temas vinculados a su acción política, a sus escritos y a su recepción.» (Cecilia Ames e Álvaro Moreno Leoni).

«De alguna manera Escisión [refere-se à acção de Cipião dito «o Africano»] es un precursor, porque se anticipa al modo de hacer y actuar en la política en los tiempos modernos.» (Raúl Buono-Core V.).

Fecunda e diversificada panorâmica esta, em que a arrumação temática vivifica o já de per si variegado cromatismo do mosaico. Não se obedece a um esquema cronológico (como seria de esperar); preferiu-se que diferentes salpicos de cor – quais tesselas desse mosaico – resultassem em policromia atraente.

Cascais, 30 de Dezembro de 2012

José d'Encarnaç